

# Ameaça aos povos tradicionais

VILMAR BERNA

**O**s povos tradicionais estão ameaçados de extinção e muitas comunidades já foram efetivamente extintas, como a de Laranjeiras, em Paraty, entre outras. Não é de índios que estamos falando, muito menos de uma agressão que ocorreu no passado. Essa extinção continua ocorrendo agora, atingindo os chamados povos tradicionais, que se constituem de pequenas comunidades, à margem do processo de desenvolvimento, cuja cultura, a exemplo da indígena, é transmitida pela tradição, pela oralidade, hábitos, arte etc.

Os povos tradicionais vivem em diferentes graus de isolamento, longe dos centros urbanos e junto da natureza, de onde extraem os remédios, alimentos, materiais para construir moradias, barcos, fabricar ferramentas, panelas, cestos, ornamentos etc. Estes povos aprenderam a lidar, na prática, e ao longo de sucessivas gerações com os diferentes ecossistemas, adaptando-se ao meio ambiente como única forma de garantir a sobrevivência. Acumularam uma rica experiência sobre o uso dos recursos naturais e as dinâmicas da natureza transformando-se em verdadeiras "bibliotecas" vivas de conhecimento sobre os ecossistemas. Um saber fundamental que deve ser conhecido, registrado e aplicado, principalmente agora que se buscam instrumentos para por em prática o chamado desenvolvimento sustentável.

Entretanto, ao contrário de serem valorizadas e promovidas social e economicamente, as comunidades tradicionais foram excluídas da preocupação de ambientalistas, profissionais e instituições que criaram parques e reservas para a proteção integral dos ecossistemas, sem levar em conta que eram habitados por povos tradicionais.

O exemplo da Reserva Biológica da Praia do Sul, na Ilha Grande, ilustra bem esse problema.

Considerada como a mais restritiva das unidades de conservação, onde ninguém pode morar e até os técnicos têm acesso controlado, a reserva foi criada em cima da comunidade tradicional do Povo do Aventureiro, com cerca de 180 famílias que, da noite para o dia, tornaram-se marginais em sua própria terra, proibidos de pescar nas lagoas, caçar, desmatar para fazer roça, hábitos que garantiram sua sobrevivência há mais de 200 anos e manteve preservados os ecossistemas do lugar.

Essa febre de criação de parques e reservas restritas é um fenômeno mundial, e foi causada pela pressão sobre a natureza, exercida pelo crescimento acelerado das cidades e das indústrias, numa estratégia de evi-

Essa febre de criação de parques e reservas restritas é um fenômeno mundial

tar o rápido desaparecimento dos ecossistemas. Baseou-se no princípio de que a forma mais eficaz de evitar a destruição da natureza era isolando-a de seu contato com os humanos. Enquanto na Europa e nos Estados Unidos essa política não provocou tanto problema, já que os povos tradicionais e os indígenas haviam sido extintos, no Brasil isso foi um desastre. Dos 34 parques nacionais, só quatro não têm gente morando dentro. Agora já se sabe que esse princípio estava equivocado, pois pressunha que podiam ser poluída e degradadas à vontade as áreas que não fossem parques ou reservas.

No Estado do Rio de Janeiro, no último levantamento feito pe-

la ONG Defensores da Terra, haviam povos tradicionais remanescentes, no Parque Nacional da Tijuca (comunidades na Marynk Veiga, Vale Encantado, Pedra Branca e Taquara), Parque Nacional da Serra dos Órgãos (Vale do Bonfim), Parque Nacional de Itatiaia (Médio Colonial Itatiaia), APA do Cairuçu (diversas comunidades, destacando-se as do Sono e Ponta Negra), Parque Estadual da Pedra Branca, Parque Estadual da Serra da Tiririca, entre outras. Pelo menos a nível estadual a lei do deputado Carlos Minc (PT) pode resolver o problema. Adotando uma nova visão ambiental que incorpora os povos tradicionais como fator de preservação dos ecossistemas, esta lei garante a estes povos o direito à moradia e uso dos recursos naturais nas unidades de conservação do estado, desde que preservados os atributos essenciais dos ecossistemas e que residam há mais de 50 anos no local.

Temos, entretanto, um longo caminho pela frente, pois a cultura de boa parte de ambientalistas, técnicos e administradores das unidades de conservação ainda é baseada na exclusão dos povos tradicionais, considerando-os como um estorvo. Por outro lado, se não devemos extinguir os povos tradicionais, também não podemos comprometer a conservação integral dos ecossistemas. A ONG Defensores da Terra está buscando parcerias técnica e financeira para o desenvolvimento de projetos em defesa dos povos tradicionais, como a realização de um workshop, pesquisa para localizar as comunidades e propor soluções etc. É preciso encontrar o equilíbrio, onde o ser humano, ao contrário da visão do passado, não seja mais visto como um fator de destruição irrefreável, mas como um aliado indispensável na luta pela preservação do que ainda resta de natureza, permitindo a sobrevivência da Humanidade.

Vilmar Berna é escritor, pintor e presidente da ONG Defensores da Terra.